

O SUPER-HOMEM DE NIETZSCHE E ALEISTER CROWLEY

Carla Tatiane Carvalho¹
Gilmara Cruz de Araújo²

RESUMO: Crowley já mostrara grande admiração por Nietzsche em sua “auto-hagiografia”, mas as concepções de ambos, apesar de semelhantes com relação ao cristianismo sendo este visto como restrição dos sentidos humanos; converteram-se em ideais diferentes. Partindo desta premissa, o supracitado artigo pretende confrontar a concepção de homem presente na filosofia de Nietzsche e Aleister Crowley, apresentando algumas diferenças e semelhanças pautadas nos dois pensamentos, tendo como princípio a filosofia como fonte histórica. Como fontes de pesquisa, foram utilizadas o livro de Nietzsche Assim falava Zaratustra (1885) e o Livro da Lei (1904) de Aleister Crowley. Com base na análise comparativa das interpretações dos autores, foram identificadas duas concepções: A subjugação do homem e de Deus, a criação de um super-homem e a transformação do homem em próprio Deus. Além disso, foi concluído que o a filosofia de Nietzsche, como incentivadora, influência Crowley que se insere em um contexto cultural novo, que seria visto com ênfase na metade do séc. XX e que o historiador Aldo Natale Terrin defende como produto do pós-moderno, sob o nome, Nova Era.

Palavras-chave: Aleister Crowley; Nietzsche; Século XX; Super-homem.

INTRODUÇÃO

Ao longo dos tempos, o homem buscou novas formas de concretizar as suas convicções, transformando as antigas crenças em um emaranhado de sentimentos que se convergiram no que a escritora esotérica Alice Bailey³ fundamentou como Nova Era e o historiador Aldo Natale Terrin acredita ser um produto do pós-moderno. Esse novo pensar se traduz na música, na literatura, nas artes e de maneira geral, em todas as manifestações de caráter humano e vinha sendo traçado desde o início do século XX.

Esse trabalho visa primordialmente, dialogar com as concepções de homem presentes na filosofia de Friedrich W. Nietzsche e Edward Alexander Crowley, respectivamente, com a finalidade de expor um período transformador que influenciaria as religiosidades presentes na metade do século XX.

A fim de delimitar melhor o tema, será tomado como fontes essenciais o livro de Nietzsche, “Assim falou Zaratustra” (1885) e de Crowley “O Livro da Lei” (1904). A escolha da supracitada obra de Nietzsche está pautada no fato de que, nela o autor promove uma alternativa para a morte de Deus, ocasionando uma maior valorização do próprio homem. No tocante ao Livro da Lei esse é considerado o mais importantes dos inscitos do autor. Se Deus está morto, centraliza-se a atenção no homem, sendo esse modificado a fim de construir os seus próprios

1 Graduada em Licenciatura em História pela Universidade Tiradentes (UNIT). Email: carvalho.ct@gmail.com (autora)

2 Graduada em Licenciatura em História, pela Universidade do Estado da Bahia - Campus II/ Alagoinhas/BA. E-mail: kadavera@msn.com (co-autora)

3 Pesquisadora inglesa autora de vários livros sobre misticismo, que deu alicerce ao movimento chamado Nova Era.

valores. No entanto, para falar de Deus é necessário pincelar a maneira pela qual ambos encaravam o cristianismo. Nietzsche e Crowley por terem recebido uma educação cristã proveniente das suas famílias, possuíram amplo conhecimento no tocante a essa religião e utilizaram-na a fim de construir as suas filosofias.

A filosofia é vista como reflexo cultural. Para Chartier, “não é necessário anular o dado filosófico do discurso filosófico, mas tentar compreender a sua racionalidade específica na historicidade da sua produção e das suas relações com outros discursos” (CHARTIER, 1990, p.73). Buscaremos compreender a filosofia dos autores na história do pensamento humano dos séculos XIX e XX, dialogando questões sobre Deus e o homem.

Será utilizado o método comparativo para definição e julgamentos das idéias, pois a partir dele é possível trazer uma abordagem explicativa, esboçando uma nova problemática, abstraindo as semelhanças e destacando as diferenças. Desta forma, está implícita a aplicação da análise (indução) e da síntese (dedução).

II – DISSE NIETZSCHE: “Não existe Deus...”

Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844 – 1900) nasceu na Alemanha e foi um grande crítico da cultura e religiões ocidentais. As polêmicas equivocadas que levam seu nome são colossais, desde preconizador do racismo a anticristo⁴.

Assim Falou Zaratustra é considerada a obra mais importante de Nietzsche. Escrita em uma linguagem artística e poética, saindo dos procedimentos sistemáticos dos livros de filosofia. É nela que Nietzsche apresenta uma alternativa para a morte de Deus. É importante comentar que, algumas palavras ditas por Nietzsche em “Assim Falava Zaratustra”, não devem de nenhuma forma, ser levadas ao pé da letra. Questões como a alma, espírito, diabo, deus, eternidade, salvação são meramente ilustrativas e possuem significados distintos.

Através dele, o filósofo destaca a necessidade do anúncio do super-homem. Zaratustra, seu personagem principal, proclama a falência da civilização e a aurora de uma nova era. Na obra, ele é um personagem criado por Nietzsche, mas a sua existência foi presente na história e a idéia do filósofo é desconstruí-lo. Zaratustra ou Zoroastro foi um antigo líder religioso, fundador do Zoroastrismo, antiga religião da Pérsia, o primeiro a efetuar claramente uma divisão entre o bem e o mal e seus ensinamentos serviram como herança para as religiões vindouras. O retorno de Zaratustra em Nietzsche possui assim a finalidade de explicar algo totalmente antagônico a qualquer dicotomia religiosa, contradizendo a sua mensagem anterior.

Zaratustra é um dançarino dionisíaco que ao completar seus 30 anos sai da sua terra e segue para a montanha, onde se manteria isolado com seus animais. Em seus 10 anos de solidão Zaratustra capta uma “boa-nova”, abandona sua caverna, tal qual Platão⁵ e anuncia a vinda do super-homem: “O Super-homem é o sentido da terra. (...) Em outros tempos, blasfemar contra Deus era a maior das blasfêmias, mas Deus morreu e com Ele morreram esses blasfemadores”. (NIETZSCHE,

⁴ É o livro mais ácido de Nietzsche no tocante as questões referentes ao cristianismo. O nome do livro é uma associação que o próprio autor perpetra. Para ele, o homem deve ser crítico, deve ser anticristo no sentido de desafiar o seu deus.

2005, p.12).

O super-homem é aquele que não segue os valores das massas, construindo os seus próprios preceitos morais, que são sempre reflexo das virtudes individuais de cada um. Os homens de Zaratustra seriam homens superiores logo, nesse sentido a nobreza não é resultado de títulos nem de sangue.

Os homens superiores pelo qual busca Zaratustra são os que enaltecem a vida e quer vivê-la na terra já que ela é o reino dos homens de vontade, ao curioso que busca conhecer sem conclusões eternas, ao que ama as suas próprias virtudes, o que se orgulha dos seus feitos, aqueles que têm espírito, coração livre e alma profunda, o que deseja viver, o que não trapaceia, quem trabalha e realiza invenções engenhosas, os que não são exageradamente virtuosos nem excessivamente moralistas, aquele que não está a espera de agradecimentos e recompensas, o que desafia e fustiga o seu deus, os que prenunciam o super-homem e o que combate o presente.

A morte de Deus é a morte dos dogmas, do conformismo, da superstição, do medo, da dualidade bem e mal criada pelo antigo Zaratustra e de todas as barreiras que limitam o homem a superar-se, pois, “O homem é uma corda estendida entre o animal e o Super-homem – uma corda sobre um abismo.” (Idem, p.13) e assim ele deve ariscar-se, ser sempre mudança, um eterno devir⁶, deixando de ser camelo (tu deves!), converteu-se em leão (eu quero!) e o super-homem, uma criança (Ele alcançará!). (Idem, p.23)

Zaratustra assegurava que toda a batalha a ser travada é bem-vinda. Para Nietzsche, o cristianismo se opunha a natureza, trazendo esse conceito como um mal que deveria ser eliminado. Os blasfemadores são os seguidores das religiões que limitará o homem do curso de sua razão. São aqueles que aparam as arestas da vontade de conhecimento. Para ele, Deus é o produto da *décadence* humana.

Ele demonstra como seria esse novo mundo. Um mundo desprovido da dualidade bem e mal. A vinda do super-homem implica necessariamente na morte de Deus e a quebra dos antigos valores humanos: “Eu lhes digo: é preciso ter ainda um caos dentro de si para gerar uma estrela cintilante.” (Idem, p.16)

O super-homem não é um novo deus. Nietzsche não pretende “criar” um novo ser onipresente e onipotente para esquentar a cadeira do último: “Ah! Meus irmãos, esse Deus que eu criei era obra humana e loucura humana, como todos os deuses”. (Idem, p.28) Zaratustra é cético e o super-homem, deverá seguir esses preceitos para ser livre e natural.

Nietzsche enxerga o homem do seu tempo, como um homem de muletas: O cristianismo aglutina os doentes, os negadores da sua própria vontade, já que nessa interpretação, o cristianismo dita a vontade do homem, nega a carne, a vida e a terra: “Ensino aos homens uma nova vontade: querer conscientemente o caminho que o homem percorreu cegamente, considerá-lo bom e não mais fugir dele furtivamente, como fazem os doentes e os moribundos” (Idem, p.29) Ele afirma que o cristianismo tomou partido de tudo que é fraco, baixo e fracassado, limitando o homem a evoluir. A compaixão limita o homem a obter a sua “vontade de poder”,

⁶ Conceito filosófico que gira em torno da perenidade, do contínuo, o tornar-se, pronunciado pela primeira vez, pelo filósofo Heráclito, é compreendido como o mundo e tudo compreendido nele, em constante mudança. O Devir é essa diferença que se atualiza a todo o momento.

umenta o sofrimento e contraria a vida e os valores pessoais.

O super-homem deverá viver em um mundo sem leis divinas. Isso recaí conseqüências morais e éticas num novo mundo habitado por super-homens onde a ausência de Deus ocasionará a transvaloração de tudo o que o cristianismo estigmatizou, adotando os valores rejeitados da nova sociedade.

III – E CROWLEY COMPLETOU: “... Senão o homem”.

Antes de adentrar e caminhar por entre os conceitos do Livro da Lei, torna-se muito necessário falar sobre o homem que abrolhou esse livro. O mago inglês Aleister Crowley, nasceu em 12 de Outubro de 1875 e assim como Nietzsche, carregou ao longo da sua vida uma má reputação, entre elas satanista, libertino e viciado em drogas⁷. Filho de uma família puritana de condições financeiras favoráveis, ao longo de sua vida, criticou o cristianismo e largou os estudos para se dedicar a magia, que para ele foi conceitualizada como instrumento da vontade.

O seu livro mais conhecido chama-se Liber Al Vel Legis, o nome em latim para Livro da Lei. Segundo o próprio filósofo, esse livro foi recebido em 1904 quando estava em lua de mel com sua esposa no Egito, por uma entidade preter-humana (entidade espiritual) autodenominada Aiwass, um mensageiro dos deuses do Novo Aeon e ao mesmo tempo um anjo guardião de Crowley. A data em que a obra teria sido ditada para ele, corresponderia ao advento da Nova Era. Crowley considera que o Livro da Lei deve ser interpretado individualmente⁸, para que as palavras contidas não sejam impostas ao outro como verdade. Dessa forma, quebra-se o conceito de dogmas, presentes em religiões tradicionais.

O Livro da Lei inaugurou uma doutrina mágica de nome Thelema onde “39. A palavra da Lei é Thelema.” (CROWLEY, 1997, p. 39). Thelema significa vontade em grego. Essa vontade apontada por Crowley, não pode ser comparada ao desejo, pois este é estritamente carnal e a vontade de Thelema está imbuída de todo um referencial espiritual onde o corpo reflete-se no ser interior, onde a mente é extensão do próprio corpo, onde é através do corpo que se alimenta a alma.

A vontade de Thelema é vista como devir. A vontade como veículo motor para o alimento da alma “97. Pois vontade pura, com excitado propósito, livre da ânsia de resultado, é cada caminho perfeito.” (Idem, 97). Sendo a vontade perfeita, ela é vista como sagrada e inviolável. Não deve ser questionada apenas sentida: “27. Existe grande perigo em me; pois quem não compreende estas runas cometerá uma grande falha. Ele cairá no fosso chamado Porque, e lá ele perecerá com os cães da Razão. (Idem, p.103).

No livro da Lei, Aleister Crowley utiliza três figuras egípcias representadas através de Nuit (Cap. 1), a deusa do espaço infinito, Hadit (Cap. 2), a Serpente Alada da Luz, e Hórus (Cap. 3), o deus solar com cabeça de falcão e senhor do Cosmo. Nuit simboliza a união de toda a humanidade em nível espiritual, Hadit representa a individualidade, o sol interior e a fonte de

7 Maiores informações sobre Crowley devem ser lidas em: “Perguntas frequentes sobre Aleister Crowley.” (DUQUETE, 2007, 17)

8 Essa nota foi inclusa pelo filósofo após as 3 partes que divide o Livro da lei sob o nome “O Comento” (Idem, p. 180)

toda luz e sabedoria e Hórus o ser humano íntegro, superado, divinizado.

Desta forma, o seu sistema filosófico thelêmico concentra uma amalgama de divindades de diversas culturas e crenças, sendo encaradas como personificações de forças cósmicas arquetípicas⁹, ou seja, estas personificações não são encaradas como divindades externas ao homem, mas sim como componentes do próprio espírito de cada homem e cada mulher. Esses deuses renovados e readaptados a filosofia do Novo Aeon são assim subjugadores da adoração a deuses exteriores ao homem, pois diz: “11. Estes são tolos que os homens adoram; ambos seus Deuses & seus homens são tolos.” (Idem, p. 95)

Para o filósofo, “3. Cada homem e cada mulher é uma estrela.” (Idem, p. 95), deixando aqui bem clara a sua posição contra a não generalização comum, demonstrando que o ápice espiritual de cada ser, independe do gênero e sim da sua capacidade de elevação. Nuit simboliza aqui a união de toda humanidade a nível espiritual, independente do sexo.

É claro no Liber Al Vel Legis a exclusão dos homens ditos comuns, dos homens que se limitam, afirmando que a “21. (...) A Compaixão é vício de reis: calcai aos pés os desgraçados & os fracos: esta é a lei do forte: esta é a nossa lei e a prazer do mundo.” (Idem, 102) Deste modo o forte é visto como superior e essa superioridade não está atrelada a nenhum título social. “24. (...) Atentai para que nenhum force um outro, Rei contra Rei! Amai-vos uns aos outros com corações ardentes; nos homens baixos pisai na enérgica luxúria de vosso orgulho, no dia de vossa ira”. (Idem, 103)

Se a vontade é pura e independe de propósitos, ela é, portanto inquestionável e deve estar atrelada a busca de valores individuais. O homem assume o posto de desconstrutor das antigas doutrinas “60. Não existe nenhuma lei além de Faze o que tu queres.” (Idem, 112) e assim, criador dos seus próprios valores. Essa vontade de Thelema é atingida através do culto ao amor já que o “57. (...) Amor é a lei, amor sob vontade.” (Idem, p. 98) Esse amor é uma força motriz que justificará os fins da vontade.

A vontade é pessoal e assim intransferível. Não é vista como reguladora e não poderá interferir o caminho do outro. O que unirá o homem, nesse caminho visto como individual, será o amor.

Os princípios carregados pelas tradicionais doutrinas judaico-cristãs-mulçumanas são reguladores da vontade, e assim, “A palavra de Pecado é Restrição”. (Idem, 97) O pecado viria através da negação dos preceitos religiosos, da culpa, do erro, afirmando que “17. De todo não temais; não temais nem homens nem Destinos, nem deuses, nem coisa alguma. Dinheiro não temais, nem risada da tolice do povo, nem um outro poder no céu ou sob a terra.” (Idem, 108)

Se o mote do Livro da Lei é Faze o que tu queres há de ser tudo da Lei, o homem é o criador de seus próprios valores. Sendo ele o seu próprio Deus, esse seria um novo mundo onde os dogmas religiosos são quebrados em busca de uma satisfação individual e interior, surgindo do estado de liberdade, da vontade e do autoconhecimento.

9 Ao modelo do psiquiatra Carl Jung (1875-1961). Sua psicologia chamada de “psicologia analítica” foi criada a partir de vários sonhos e visões. Os arquétipos são assim imagens psíquicas do inconsciente coletivo.

IV – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nietzsche desconsiderava qualquer tipo de crença que envolvesse a subjugação ao supersticioso. Em Nietzsche os problemas do homem não estão numa alma sublime (etérea), que pairasse acima do corpo, mas sim nas profundezas da vida psíquica sendo essa parte da vida corpórea. Para Nietzsche Zarathustra é cético e a verdade só viria através do ceticismo. No caso de Crowley, a alma é parte do homem e suas reencarnações um ciclo eterno para o alcance da sabedoria e alcance de uma vontade individual que ligaria o mundo através do amor.

Nietzsche e Crowley se propunham a eliminar a visão do ser como algo substancial, algo pronto e acabado, com um destino certo e irreversível, algo que o cristianismo institucionalizou, propondo um bem ou um mal. Assim, declarando a morte de Deus, a dicotomia bem e do mal não existe e as sombras de sua limitação devem ser superadas. Sendo assim torna-se necessário concentrar a atenção na elaboração de uma nova ética que se baseasse apenas na força do caráter e da personalidade do indivíduo. Os dois filósofos atuam como desconstrutores da moral existente, uma transvaloração, uma crítica radical a ética e moral, sedimentadas pela civilização e pela cultura.

Esse novo homem seria para Nietzsche o *Übermensch* (super-homem), afastando qualquer hipótese de que sombras de Deuses antigos tomassem o lugar do antigo Deus. O primeiro não formará uma nova massa, mas sim cada homem imbuído de suas particularidades. O homem de Crowley é visto como um super-homem *a la* Nietzsche, no sentido de que a sua filosofia é libertadora, restrita a aqueles que querem superar-se. Esse novo homem cultua uma espiritualidade ao seu modo, através de uma vontade individual, o homem seria o seu próprio deus e estariam unidos através da força do amor.

Crowley admirou Nietzsche. Em seu livro “The Confessions of Aleister Crowley” afirma: “O Nietzsche foi para mim quase um avatar de Thoth, o deus da sabedoria”¹⁰. É notável a influência, mas houve uma transformação do que Nietzsche proclamou. O discípulo contraria o mestre? A filosofia de Crowley transpõe um momento histórico peculiar no âmbito da cultura mundial, que viria sob a nomenclatura: Nova Era. Esse novo modo de pensar altera toda uma consciência universal do homem perante os próprios valores que modificará de maneira considerável a forma como ele enxergará o seu eu religioso. Essa é a tese de Terrin. Nietzsche é o homem do século XIX e Crowley iniciou suas atividades filosóficas no século XX. Historicamente, essa crítica aos antigos valores cristãos se constitui no século XIX e aprofunda-se no século XX. Todo o reprimido será valorizado.

Nietzsche de certo, odiaria a espiritualidade de Crowley. Mas se o homem é constante mudança e o super-homem seguiria os seus extintos, o super-homem de Nietzsche viria na modernidade, através de um reflexo na filosofia do próprio Aleister Crowley. O homem moderno não se desligou do divino, mas se desligou dos dogmas e hoje possui uma espiritualidade peculiar e auto-suficiente. Se Zarathustra precisou ir ao antigo para mostrar o novo, Crowley também o fez. O super-homem de Nietzsche e Crowley está no seu eterno devir.

¹⁰ A nota identifica o trecho original "Nietzsche was to me almost an avatar of Thoth, the god of wisdom" e sua referência remete a localização nas referências bibliográficas.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **O Passado composto. Relações entre filosofia e história.** *IN:* A História cultural: Entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990. P. 69-89.

CROWLEY, Aleister. **Os Livros de Thelema.** Trad. Claudio Domingues Breslauer. São Paulo: Madras, 1997.

DUQUETE, Lon Milo. **A Magia de Aleister Crowley: Um manual dos rituais de Thelema.** Trad: Carlos Raposo. São Paulo: Madras, 2007.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Assim Falou Zaratustra.** 1ª Ed. Trad. Heloisa da Graça Burati. São Paulo: Rideel, 2005.

TERRIN, Aldo Natale. **Nova Era: A religiosidade do pós-moderno.** Trad: Euclides Balancin. São Paulo: Loyola, 1996.

The Confessions of Aleister Crowley in:

<http://hermetic.com/crowley/confessions/chapter76.html>. John Symonds and Kenneth Grant. London: Routledge & Keagan Paul. Pág. 746. Acesso dia 04/04/10 às 18:30